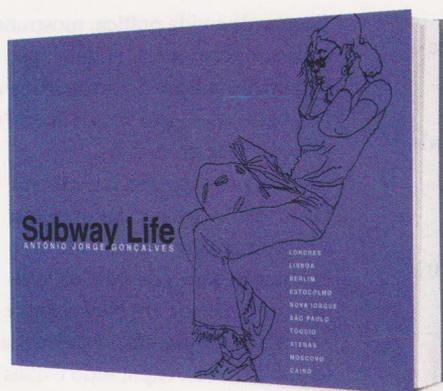


livro em análise

perspectiva

# A volta ao mundo em 3000 rostos

Teresa Pearce de Azevedo\*



## SUBWAY LIFE

António Jorge Gonçalves

Assírio & Alvim

224 Págs.

€ 22,00

Quando Umberto Eco escreveu sobre a morte de Hugo Pratt (L'Espresso; Setembro de 1995), grande mestre da novela gráfica, recordou que era “excelente narrador antes de ser desenhador (mas teria ele sido narrador se não tivesse sido desenhador?)”.

Também referiu que, quando comparou Corto Maltese “longilíneo, atlético, e de uma graça art nouveau, efeminado de forma viril”, com Pratt, que era “baixo, gordinho e com um rosto pesado”, descobriu um dia, ao olhá-lo de perfil que “ele era o Corto Maltese”.

António Jorge Gonçalves é (neste livro) desenhador e narrador (com muito breves mas significativas palavras antes de cada capítulo). Provavelmente, se olharmos para ele poderemos encontrar todas estas figuras que (não) escolheu retratar.

O já referido Pratt dizia: “Para mim, as minhas viagens foram a oportunidade de ir para um lugar que já existia na minha imaginação. Talvez assim tenham sido estas viagens urbanas de António Jorge Gonçalves.

“Subway Life”, de António Jorge Gonçalves, é um livro que “compila, de forma cronológica, uma seleção de desenhos elaborados entre 1997 e 2003”. Falando dele à imprensa disse: “Não era acerca dos desenhos. Eu quis ir ver como é que era ir ao mundo inteiro sentar-me no metro e desenhar a primeira pessoa ao meu lado. É um livro acerca daquilo que se estava a passar, ali, entre mim e aquela pessoa e as pessoas à volta.”

Tudo partiu de um “exercício no metro de Londres, que consistia em desenhar a pessoa que se sen-





tasse à minha frente, ou no meu mais imediato ângulo de visão. Era um método que pretendia obrigar-me a desenhar aquilo que eu não podia escolher”. O cenário escolhido foi o metro, no qual disse “sentir-se em casa”.

## MUNDO CONSENTIDO

Esse “jogo” foi estendido a outras oito cidades, Lisboa, Berlim, Estocolmo, Nova Iorque, São Paulo, Tóquio, Atenas e Cairo. Gonçalves fê-lo à guisa de um método experimental, com muito rigor. Veja-se: “no total foram cerca de 800 horas de trabalho repartidas pelas 3 a 4 semanas que permaneci em cada cidade, numa rotina de duas sessões por dia, percorrendo linhas diferentes e abrangendo o total horário de funcionamento”. Misturando Ciência e o olhar do humanista, “nunca pedi autorização a ninguém, mas também não fingi estar a fazer uma outra coisa, durante os 5 a 8 minutos que cada desenho levou a construir, comecei como observador e acabei como observado”.

No livro “Desenho” (Civilização/DK), de Sarah Simblet, é-nos dito que “quando se desenha fora de casa, a vida não abranda nem espera que a capturemos. Temos de aprender a acreditar na memória e desenhar o que mais nos impressiona. O exagero ajuda... Cada linha tem a sua parte na narrativa...”.

A rapidez necessária para efectuar os desenhos parece ter sido habilmente manejaada, visto que o resultado não deixa margem para dúvidas. Num episódio do Cairo, “começa tudo a bater palmas. Tudo a comentar e a passar o livro de uns para os outros. E há um gajo, um homem de negócios, daqueles de mala e fato, que vem ter comigo, dá-me o cartão dele e diz assim: “Please, call me. I have work for you”.

Para quem aqui queira ler alguma intenção mais perversa, ou de manipulação da imagem do outro, é melhor desistir já. Quando o observador, não furtivo, procede a algo que é certamente ilegal (registar imagens de outros no Metro), fá-lo com a aceitação tácita e não verbalizada do outro. Da “provocação” nascem respostas que variam consoante a índole, idade e herança cultural do retratado: violência física, perguntas, convites para trabalhos futuros e insinuações.

No caso de Berlim, em que o senhor “muito simpático, muito amável, muito delicado”, lhe perguntou se “não queria ir a casa dele”, para o “desenhar, mas sem roupa”, o autor “encavacado” respondeu: “Só desenho pessoas com roupa no metro ou sem roupa se estiverem no metro.”

## MARCA PESSOAL

Sobre o que é o desenho e qual a sua função, Pedro Paixão fala-nos em “Desenho – A Transparência dos Signos” (Assírio & Alvim) de uma concepção de desenho, um “termo florentino, disegno, os primeiros tratados onde o desenho assume a acepção de ciência ou de teoria, deriva do denominativo disegnare, um verbo latino... que lhe denota, precisamente, “proveniência” e signum, substantivo que corresponde a rasura, marca, tipo, grafo, corte, ferida. Portanto disegnare indica tanto a acção de mostrar algo de algo ou a acção de incidir, que abre, marca ou inscreve”.

Ligada a este convite à viagem por António Jorge Gonçalves parece ter estado uma ânsia de liberdade aliada à vontade de experimentar coisas e olhares novos. Segundo a tal tradição renascentista, o desenho estaria intimamente ligado a uma experiência de liberdade, “apresentando-se tanto como a insígnia ou a marca que investe ou institui um sujeito – integrando-o ou excluindo-o como crente ou ignorante – determinando-o em relação a uma matriz comunitária”.

Este diário de viagem que não é, como no nosso imaginário, “um caderno de capa grossa, com cantos e lombada de pano e que acompanha os artistas e escritores onde tomam notas, fazem apontamentos e desenharam esboços”, é sim e muito claramente uma tentativa da parte do autor de se humanizar, de apresentar cada indivíduo, que difere do anterior, como se de ele próprio se tratasse: sem pose, observador, e sem máscaras embelezadoras. ¶

\*Teresa Pearce de Azevedo, colaboradora da Os Meus Livros, é licenciada em História (Variante de História da Arte) e escreve para revistas de Arte, como Exit Express, The Art Newspaper ou Artes & Leilões

